

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

BEATRIZ TORRES DA SILVA

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

MANAUS
2023

BEATRIZ TORRES DA SILVA

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), submetido ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Breno de Oliveira Ferreira.

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586e	<p>Silva, Beatriz Torres da</p> <p>Educação sexual para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade : relato de experiência / Beatriz Torres da Silva, Breno de Oliveira Ferreira. 2023</p> <p>13 f.: 31 cm.</p> <p>Orientador: Breno de Oliveira Ferreira TCC de Graduação (Psicologia - CH Formação do Psicólogo) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Educação sexual. 2. Vulnerabilidade infantojuvenil. 3. Relato de experiência. 4. Crianças e adolescentes. I. Ferreira, Breno de Oliveira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*SEX EDUCATION TO CONFRONT SEXUAL VIOLENCE AGAINST CHILDREN AND
ADOLESCENTS IN VULNERABILITY SITUATIONS: EXPERIENCE REPORT*

Beatriz Torres da Silva¹
Breno de Oliveira Ferreira²

Resumo: A violência sexual contra crianças e adolescentes, em outros contextos sócio-históricos já foi naturalizada e incentivada, e somente a partir do século XX passou a ser compreendida como um problema de saúde pública. Como forma de proteção à dignidade infantojuvenil, a educação sexual vem sendo utilizada por diferentes instituições. Em contrapartida, encontra desafios provocados por tabus e desconhecimento das técnicas propostas. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência em um projeto de extensão que propôs oficinas lúdicas para tratar da educação sexual como enfrentamento a violência sexual contra crianças e adolescentes em uma comunidade na cidade de Manaus, no estado do Amazonas. O Arco de Maguerez proposto por Bordenave e Pereira (1989) foi a metodologia aplicada para a organização deste relato que teve como resultado a adesão do público participante às oficinas, bem como a percepção de que a seleção das atividades lúdicas favoreceram o processo de *rapport* e trouxeram menos resistência para os debates da temática em questão.

Palavras-chave: Educação Sexual. Vulnerabilidade Infantojuvenil. Relato de Experiência.

Abstract: *Sexual violence against children and adolescents, in other socio-historical contexts, has already been naturalized and encouraged, and only since the 20th century has it come to be understood as a public health problem. As a way of protecting children's dignity, sex education has been used by different institutions. On the other hand, it encounters challenges caused by taboos and lack of knowledge of the proposed techniques. The objective of this work is to report the experience in an extension project that proposed ludic workshops to deal with sex education as a way to face sexual violence against children and adolescents in a community in the city of Manaus, in the state of Amazonas. The Arch of Maguerez proposed by Bordenave and Pereira (1989) was the methodology applied to organize this report, which resulted in the participation of the participating public in the workshops, as well as the perception that the selection of recreational activities favored the process of rapport and brought less resistance to the debates on the subject in question.*

Keywords: *Sex Education. Child and Youth Vulnerability. Experience Report.*

¹ Acadêmica de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, *campus* Manaus - UFAM, beatrizt2340@gmail.com.

² Doutor em Saúde Coletiva, Psicólogo, Universidade Federal do Amazonas, *campus* Manaus - UFAM, breno@ufam.edu.br.

INTRODUÇÃO

Os diferentes debates em torno das questões de gênero ou de sexualidade vem ganhando cada vez mais espaço nos dispositivos sociais. A todo instante diferentes discursos se contrapõem, configurando-se num quadro de avanços e recuos na luta pela igualdade no Brasil (SOARES; MONTEIRO, 2019).

Foucault (2012) já tinha pontuado sobre a hipótese repressiva da sexualidade, ressaltando que não podia ser vista apenas como um dado da natureza - argumentando que a perspectiva essencialista ignoraria a visão de que a sexualidade é desenvolvida como parte de uma rede complexa de regulação social. Ou seja, trata-se de uma força positiva preocupada com a administração e o cultivo da vida que não se expressa com base na proibição, mas sim, na administração do que deve ser feito.

Face às várias expressões e redes de corpos e sexualidade, autores têm apresentado definições sobre o que entendem por educação sexual escolar (BRUESS, GREENBERG, 2009; NUNES, SILVA, 2006; WEREBE, 1998; FIGUEIRÓ, 1996). Para eles, a educação sexual é a maneira pela qual a escola proporciona aos estudantes, de forma intencional e sistematizada, informações e reflexões necessárias para a sua saúde, desenvolvimento, bem-estar e formação

integral e emancipadora. De modo que possam entender melhor sobre as questões de gênero, assim como tomar decisões sobre sua vida sexual. Cabe aqui salientar que a sexualidade engloba diversos outros aspectos da vida humana e que também se manifesta de maneiras distintas em todas as etapas do desenvolvimento.

Weeks (1999) pontua que a sexualidade é interpretada como uma descrição geral para uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídos e historicamente engendrados. E considerando os desafios relacionados à implantação da educação sexual nas escolas e reconhecendo-a como um instrumento de transformação social que é capaz de contribuir para mudanças individuais e coletivas, mostra-se tão relevante e oportuno disseminar experiências de educação sexual para além do contexto escolar, especialmente, aquelas próprias de comunidades vulneráveis, e que dialoguem com crianças e adolescentes com dificuldades de acesso à saúde e educação.

De acordo com o levantamento realizado por Oliveira e Nascimento (2021), em Manaus, durante o ano de 2020, o Conselho Tutelar da Zona Norte efetuou 665 atendimentos relacionados a violência sexual contra crianças e adolescentes. Na sequência, a análise aponta que o Conselho

Tutelar Zona Sul I executou 109 atendimentos de 2017 a 2019, bem como o Conselho Tutelar Zona Leste I recebeu 254 denúncias durante o ano de 2020, enquanto o Conselho Tutelar Zona Leste II realizou 465 acompanhamentos de 2017 a 2019.

Considerando também o cenário da pandemia de Covid-19, algumas novas reflexões passaram a surgir. Os diferentes arranjos sociais vieram acompanhados de impactos secundários que permitiram maior vulnerabilização de crianças e adolescentes, e neste sentido, é possível citar o prejuízo na socialização e desenvolvimento visto a suspensão de atividades presenciais; o afastamento do convívio familiar ampliado e rede de apoio frente a situações de risco; aumento da violência infantojuvenil e consequente diminuição da procura por serviços de proteção (FIOCRUZ, 2020).

Partindo dessa problemática, um conjunto de estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, acompanhados por docentes da Faculdade de Psicologia, desenvolveram um projeto de extensão universitária no bairro Educandos, na cidade de Manaus, Amazonas, com enfoque na educação sexual comunitária. Com isso, o objetivo deste artigo foi relatar a experiência do referido projeto enquanto proposta de educação sexual para o enfrentamento da

violência sexual contra crianças e adolescentes em uma comunidade vulnerável no cenário Amazônico.

A metodologia adotada para embasar o relato tem como foco a Metodologia Problematizadora ou Arco de Maguerez, segundo Bordenave e Pereira (1989). O método utilizado é caracterizado pela presença de cinco etapas que balizam o estudo crítico e reflexivo acerca de um ou mais problemas, bem como, instigam a proposta de sugestões para transformar o cenário encontrado. Dentre as etapas mencionadas e utilizadas como estrutura para este trabalho, estão: observação da realidade; pontos chave; teorização; hipóteses de solução; e aplicação da realidade.

OBSERVAÇÃO DA REALIDADE

Segundo Berbel (1998), a observação da realidade, o estágio inicial do Arco de Maguerez, sugere que os estudantes sejam estimulados pelos docentes a lançar um olhar atento e registrar sistematizadamente suas percepções diante da parcela da realidade em que o tema central está sendo vivenciado. Esta etapa foi vivenciada por meio do processo de territorialização no/do bairro.

Durante este processo, foram estabelecidos contatos iniciais com alguns

moradores e líderes comunitários, mais especificamente com aqueles que residiam em uma das áreas constituídas por palafitas, de modo que o grupo de pessoas contactadas expôs demandas de cunho pessoal e coletivo, permitindo desta maneira, o acesso a perspectiva que os próprios moradores possuem acerca de sua realidade e vivências locais.

Finalizada a territorialização, o grupo composto por estudantes de Psicologia, juntamente com os docentes, resgataram os apontamentos levantados pelos moradores entrevistados, bem como os registros nos diários de campo, e puderam construir referências para as etapas seguintes.

PONTOS-CHAVE

Sobre a identificação dos pontos-chave, Berbel (1998) afirma que tal processo se dá a partir da reflexão acerca das possíveis causas da existência do problema, sendo o momento de levantar questionamentos objetivando compreender o problema e encontrar propostas de intervenções na realidade para solucioná-lo. Desta maneira, esta etapa também visa promover a síntese de pontos essenciais que devem ser investigados acerca do problema, de modo que estes pontos podem ser expressos em formatos variados como através de perguntas a serem respondidas,

afirmações sobre as características do problema, e tópicos a serem investigados.

Educandos é um bairro de Manaus, localizado na Zona Sul da cidade, sendo esta uma região que recebe um grande fluxo de pessoas diariamente por ser um importante centro comercial. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população era de 15 857 habitantes em 2010. Localiza-se em uma região de igarapés, onde há presença de casas conhecidas como palafitas.

Santiago (2016) destaca que, em 2013, o Educandos foi o quarto bairro com maiores ocorrências relativas ao tráfico de substâncias ilícitas, no entanto, ao analisar os valores relativizados pela população residente, o Educandos ficou em primeiro lugar no que tange ao número de ocorrências. Referente a um dos acontecimentos de grande repercussão no Educandos, em dezembro do ano de 2018, o bairro foi cenário de um incêndio que atingiu aproximadamente 600 residências e deixou mais de 1.500 pessoas desabrigadas.

Frente ao encontrado na realidade observada, no que diz respeito aos problemas, foram levantadas questões mais complexas que permeiam as temáticas de ordem social, surgindo, principalmente, o debate sobre a produção de vulnerabilidade infanto-juvenil no bairro. Diante do

exposto, foi definido o seguinte ponto-chave: a violência sexual contra crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

TEORIZAÇÃO

Berbel (1998) manifesta que a teorização é o momento de procura por informações necessárias sobre o problema identificado, sendo possível realizar esta busca através de pesquisas já realizadas. A partir da obtenção de informações, deve-se avaliá-las quanto às suas contribuições para solucionar o problema, de modo que este processo deve ser registrado a fim de possibilitar algumas conclusões que servirão como base para a etapa seguinte.

Durante a etapa de reflexão acerca dos pontos-chave, houve a necessidade de realizar o levantamento de informações que dizem respeito a violência sexual contra crianças e adolescentes, e a educação sexual na comunidade.

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A violência sexual contra crianças e adolescentes é caracterizada por quaisquer atos ou jogos sexuais que partem de um ou mais indivíduos que esteja(m) em estágio psicosexual mais adiantado que a vítima e que estimulem sexualmente a criança ou

adolescente com a intenção de obter satisfação sexual (BRASIL, 2010).

No que tange a repercussão da violência sexual na vida da vítima, algumas revisões literárias citam os impactos negativos na autoestima, que levam aos indicativos de depressão e transtorno de estresse pós-traumático, afastamento da família, uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, comportamento sexual de risco, e a ideação suicida. Na sequência, os artigos analisados reiteram ainda que as crianças e adolescentes do sexo feminino são as principais vítimas deste tipo de violência, enquanto os principais agressores são conhecidos da vítima (OLIVEIRA, 2020; CRUZ, 2021).

Neste sentido, acerca do enfrentamento a violência sexual contra crianças e adolescentes, o compilado de artigos revisados por Meireles e Carvalho (2018) relembra que as principais redes de proteção a vulnerabilidade infantil são os Conselhos Tutelares, os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), os Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), e o DISQUE 100, ao passo que também é destacada a necessidade de que estes dispositivos realizem um acompanhamento de cunho multidisciplinar.

Segundo Soma e Williams (2017), ao pensar em estratégias para a prevenção e o enfrentamento da violência sexual contra crianças, há necessidade de incluir todos os sujeitos que tenham contato com a criança, inclusive ela mesma. Neste sentido, sugere-se ainda que a própria criança participe de intervenções que tenham em sua programação o objetivo de torná-la informada acerca da violência sexual e que permita que ela desenvolva ferramentas para que, frente a possíveis situações de risco, possa colocar em prática a autoproteção.

EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTOJUVENIL

Conceituando a Educação Sexual, Figueiró (2001) destaca que o tema se refere a “toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana” incluindo as abordagens que perpassam valores, normas e atitudes que se relacionam à vida sexual.

Sobre a metodologia mais adequada para tratar o tema da educação sexual, Vitiello (1995) afirma se tratar de um ensino participativo, em que podem ser utilizadas técnicas como dinâmicas de grupo e que os educandos possam indicar os temas das discussões realizadas. Na sequência, o autor propõe que, além de participativa e dialógica, a metodologia para a educação sexual deve ser baseada na

realidade sócio-cultural, intimista, criativa e lúdica.

A partir da análise de revisões sistemáticas acerca do referido tema, ressalta-se que, geralmente, na realidade escolar brasileira, as intervenções dedicadas à educação sexual são esporádicas e com foco na abordagem de situações-problemas já instauradas. Acerca dos subtemas selecionados para as intervenções realizadas, foi observada a preferência por tópicos relacionados à saúde sexual e reprodutiva, como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e de gravidez precoce (MORAES, 2018; FURLANETTO, 2021).

Neste âmbito, as revisões sobre a temática indicam a necessidade de que a educação sexual alcance os núcleos familiares de crianças e adolescentes para que sejam promovidos diálogos, reflexões e acolhimento de dúvidas e angústias relacionadas às suas vivências com a temática, de maneira que haja uma articulação com a escola, objetivando que a educação sexual tenha uma recepção positiva e com menos resistência em outros espaços (ZERBINATI, 2017; MIRANDA, 2021).

Acerca da educação sexual no âmbito escolar, Figueiró (2009) salienta que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), lançados pelo Ministério da

Educação e Cultura no final da década de 90, propuseram a inclusão da educação sexual como tema transversal no Ensino Fundamental. Deste modo, a temática passa a tomar um formato que não se restrinja a matérias escolares específicas sendo mediada por membros do corpo docente que estejam aptos.

Entre os desafios para a implementação da educação sexual nas escolas, a literatura científica revisada discorre acerca das crenças distorcidas vindas de responsáveis e professores; e o despreparo e o desconforto para manejar discussões acerca do tema, tópicos estes que contribuem para a manutenção de tabus e preconceitos, que, por sua vez, são pautas contrárias às orientações descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (ZERBINATI, 2017; MORAES, 2018; FURLANETTO, 2021; MIRANDA, 2021).

Considerando a análise feita por Furlanetto (2021), é observado que a temática da educação sexual no âmbito escolar carece de avanços em sua abordagem visto que as intervenções propostas ainda são baseadas em um discurso moral, da mesma forma que também se faz necessária a melhoria da qualidade de capacitação oferecida aos mediadores da temática.

HIPÓTESES DE SOLUÇÃO

A quarta etapa é caracterizada pelas hipóteses de solução que, segundo Bordenave (1989, p. 33), é um momento que deve ser marcado pela originalidade e criatividade, de forma que o autor acrescenta que “esta etapa deve conduzir o aprendiz a levar a termo provas de viabilidade e factibilidade confrontando suas hipóteses de solução com os condicionamentos e limitações da própria realidade”, visto que algumas das estratégias propostas como hipóteses podem ser válidas a princípio porém podem apresentar dificuldades para serem aplicadas na prática.

Diante do cenário encontrado, foi dado início a etapa de organização do plano de ação a partir da coleta de informações que apontaram ausência de atividades infantojuvenis sobre educação sexual, bem como, casos de violência sexual contra crianças e adolescentes na comunidade em questão.

Assim, a hipótese de solução pensada teve como proposta as atividades recreativas agregadas às oficinas lúdicas direcionadas ao público infantojuvenil com o objetivo de trabalhar temas relacionados à gênero e sexualidade, especialmente sobre a proteção ao corpo. As atividades contaram com a participação de 17 (dezessete)

estudantes, 02 (dois) docentes, e 01 (uma) assistente social e líder comunitária que, por sua vez, indicou o total de 15 (quinze) crianças e adolescentes com idade entre 03 (três) e 13 (treze) anos de idade e que residem no bairro do Educandos e proximidades. Na oportunidade, salienta-se que o quantitativo de crianças e adolescentes que participaram das oficinas não permaneceu o mesmo do início ao fim da programação, uma vez que à medida que as dinâmicas aconteciam, outras crianças e adolescentes se juntavam ao grupo ou se deslocavam para outras atividades e/ou afazeres referentes a sua rotina.

Neste sentido, as oficinas foram planejadas para o horário de 14h às quartas-feiras e às 16h às quintas-feiras, em semanas alternadas, e previamente pactuadas com a líder comunitária para confirmação e organização semanal entre os alunos e os docentes. Referente ao ambiente escolhido para a execução das atividades, inicialmente, a líder comunitária apresentou um espaço localizado no Prosamim do Cajual, no bairro Santa Luzia, que foi ocupado pela comunidade para a promoção de atendimentos e práticas recreativas, no entanto, por conta da ausência de condições físicas para suportar as atividades planejadas durante o projeto, em comum acordo, as atividades tiveram continuidade em uma praça pública localizada no bairro

Educandos. Deste modo, foram definidos sete momentos para a realização dos encontros.

APLICAÇÃO DA REALIDADE

Sobre a última etapa do Arco de Maguerez, Berbel (1998) afirma se tratar de um compromisso dos alunos com o meio, de maneira que relembra que como após a observação do meio foram destacados problemas, esta é a fase em que são fornecidas as respostas dos estudos realizados, visando assim a transformação da realidade em algum grau. Sendo assim, este tópico é dedicado ao registro dos impactos observados em relação à apresentação da temática da educação sexual para o público participante.

Para o momento de desenvolvimento do cronograma organizado, a primeira reunião realizada teve como proposta a apresentação do *slackline* e do tecido circense por um psicólogo e instrutor das atividades propostas, que, por sua vez, realizou as primeiras orientações aos alunos, que posteriormente também seriam mediadores da atividade, objetivando oportunizar a experiência pessoal, assim como as discussões sobre os impactos da atividade.

Para a reunião seguinte, estabeleceu-se a apresentação do *slackline* para o público infantojuvenil de modo que

os acadêmicos assumissem a postura de mediadores e pudessem orientar o público participante com a supervisão do instrutor e dos professores presentes.

Como planejamento para o terceiro dia de atividades, foi proposta a continuidade da atividade com o *slackline* e foi adicionado o tecido circense como novo recurso. Para a mesma data, o grupo de acadêmicos apresentou ainda a sugestão de confecção de crachás de identificação e de uma dinâmica com quebra-cabeças com imagens relacionadas ao enfrentamento a violência sexual.

Para o quarto encontro foram oferecidos materiais de desenho para as crianças a fim de conhecer os gostos pessoais do público selecionado, bem como, para que cada participante do projeto pudesse ser acompanhado por duplas de estudantes objetivando ainda a coleta de possíveis demandas para encaminhamentos necessários. Aos adolescentes presentes foi realizado o convite para atendimento individual a fim de realizar anamnese e orientações, caso demandadas.

A reunião seguinte incluiu a caça ao tesouro como atividade principal, de maneira que a cada pista encontrada, os participantes também tinham acesso a bilhetes com questionamentos referentes a hábitos de higiene, orientação acerca da

proteção das partes íntimas e consentimento. Os questionamentos podiam ser comentados por todos os participantes da atividade e como prêmio, ao final da dinâmica, todas as crianças e adolescentes participantes receberam bombons.

Referente às seguintes dinâmicas proposta ao grupo, as atividades selecionadas foram o circuito e a “batata quente”. A primeira atividade teve como objetivo oferecer um momento recreativo e de interação entre os participantes do projeto e mediadores, de modo que consiste na organização de um percurso com obstáculos, como bambolês e cordas, para que as crianças pudessem percorrer de acordo com suas possibilidades. A segunda proposta teve por objetivo a análise do conhecimento dos participantes acerca de consentimento, rede de apoio, autoestima e gostos pessoais. Durante a “batata-quente”, formou-se uma roda de maneira que cada participante pudesse passar a bola para a pessoa ao lado enquanto uma música tocava, na sequência, quando a música era pausada, a pessoa que possuía a bola em mãos deveria responder uma das perguntas ou fazer um comentário frente às questões que um dos alunos presentes propunha.

Para o último dia de atividades com o público infantojuvenil, o grupo de

acadêmicos, com auxílio dos orientadores, propôs uma dinâmica para que as crianças e os adolescentes pudessem oferecer uma devolutiva acerca de suas experiências com as atividades realizadas. Para o desenvolvimento desta devolutiva, estabeleceu-se como recurso o oferecimento de cartolinas e canetas coloridas para a realização de desenhos e/ou da escrita em espaços referentes aos pontos positivos, pontos negativos e sugestões relacionadas ao projeto para atividades futuras.

AVALIAÇÃO DA REALIDADE

As atividades iniciais de tecido circense e *slackline*, além de terem sido utilizadas como *rapport*, funcionaram como um método convidativo para despertar a curiosidade das crianças e adolescentes, facilitando assim a aproximação inicial com este público, bem como, possibilitou a apresentação de temas voltados a educação sexual de maneira lúdica. Ao recorrer às modalidades destacadas, são observadas diferentes dimensões como equilíbrio, persistência, desenvolvimento da solidariedade, e superação de obstáculos que, por sua vez, contribuem para a identificação de potencialidades que podem trazer benefícios à qualidade de vida, como apontam Leitão e Brelaz (2018).

Enquanto as recomendações posturais eram fornecidas a quem estava no tecido circense ou na corda de *slackline*, também foram realizadas perguntas para conhecer o perfil de cada indivíduo, bem como, seus gostos pessoais para brincadeiras e atividades diárias. Durante esta dinâmica, foi possível observar que alguns participantes demonstraram indicativos de introversão e/ou falas como “eu tenho medo”, “não vou conseguir”, “eu não sei fazer isso”. A partir destes conteúdos verbalizados e observados, a equipe de mediadores das atividades também pode refletir acerca de quais abordagens seriam mais adequadas para tratar da temática da educação sexual com cada participante beneficiado pelo projeto de extensão.

Conforme observado durante o percurso das atividades desenvolvidas, é possível destacar que entre a metade e o fim das dinâmicas do projeto os participantes demonstraram indicativos de desenvolvimento de vínculo com os mediadores dos encontros, de maneira que as crianças passaram a participar mais ativamente a cada reunião, se aproximaram para fazer contato físico de forma espontânea, e manifestaram iniciativa para trazer opiniões e questionamentos durante as discussões acerca das atividades.

Cumpra-se destacar que, a partir da abordagem adotada durante as atividades propostas, notou-se que o público participante já contava com um repertório próprio de informações acerca do tema, de maneira que as instruções articuladas pela equipe de mediadores foram agregadas ao acervo dos participantes, bem como, permitiram a construção de reflexões coletivas.

Salienta-se que, durante as atividades lúdicas, quando questionados acerca da rede de apoio frente a possíveis situações de risco a integridade sexual, as crianças expressaram que contariam com o auxílio de familiares como mãe, avó e tia, assim como uma das crianças chegou a mencionar que também pediria ajuda da líder comunitária, a qual esteve presente durante todos os dias de atividades e demonstrou indicativos comportamentais de afetividade para/com as crianças.

Em relação ao último dia de atividades, podem ser realizadas breves considerações acerca dos registros das crianças durante a dinâmica “Que bom! Que pena! E se...”. Neste âmbito, pode-se resgatar que entre os registros das crianças na categoria “Que bom!” havia um desenho que mostrava uma pessoa com um “x” nas partes íntimas e ao seu redor havia a frase “não toque”. Quando questionada sobre o

seu desenho, a criança afirmou que, durante os encontros, aprendeu a proteger o corpo, acrescentando que há partes em que ninguém pode tocar sem sua permissão. No que diz respeito ao espaço dedicado para os registros de sugestões para futuras atividades, as crianças expressaram a vontade de participar de atividades que envolvessem música, dança e futebol.

Por fim, é válido ressaltar que, apesar das atividades propostas serem direcionadas a um público formado por crianças e adolescentes, os responsáveis por estas, bem como, os adultos presentes na praça pública no momento dos encontros, eram convidados a se aproximar e conhecer o projeto em curso. Em resposta a estes convites, durante todas as reuniões chegaram participantes novos, assim como adultos questionando acerca das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste relato de experiência, foi possível observar que os participantes aderiram as dinâmicas de forma positiva, bem como, salienta-se que o público-alvo já possuía breve conhecimento acerca da temática de proteção do corpo, o que sugere a necessidade de direcionamento para o acolhimento de dúvidas, o aprofundamento da temática para encaminhamentos necessários e ainda a oportunidade de

ampliação da rede de apoio destas crianças e adolescentes. Por fim, destaca-se a reflexão de que, considerando a recepção positiva por parte do grupo participante, assim como a curiosidade que o movimento do projeto causou também em adultos, há abertura para que seja dada continuidade às atividades em momento oportuno a equipe de mediadores e a comunidade. Deste modo, é possível salientar que a experiência vivenciada instiga a sugestão de possíveis ofertas de oficinas para responsáveis e/ou interessados em contribuir com as reflexões acerca do papel do adulto no enfrentamento a violência sexual contra crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- BERBEL, N. “*Problematization*” and *Problem-Based Learning: different words or different ways?* Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.2, n.2, 1998.
- BORDENAVE, J. E. D. *Alguns fatores pedagógicos*. 1989. Disponível em: <http://www.opas.org.br/rh/publicacoes/textos_apoio/pub04U2T5.pdf>. Acesso em 26 de dez. 2022.
- BRUESS, C, GREENBERG, J. *Sexuality Education. Theory and Practice*. (5th edition). Sudbury: Jones and Bartlett Publishers. 2009.
- CRUZ, M., et al. *Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa*. Ciência e Saúde Coletiva, Salvador, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/y96pVLNpJBGzgY9Sd9kFJwJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 03 de fev. 2023.
- FIGUEIRÓ, M. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190864#:~:text=Ficou%20comprovado%20que%2C%20para%20a,exerc%C3%ADcio%20de%20reflex%C3%A3o%20em%20grupo>>. Acesso em: 27 dez. de 2022.
- FOUCALT, M. *Ética, sexualidade, política*. 3 ed. Forense Universitária, 2012.
- INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE FIGUEIRA FERNANDES. *COVID-19 e Saúde da Criança e do Adolescente*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 11, ago, 2020. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-crianca/covid-19-saude-crianca-e-adolescente/>>. Acesso em: 07 jan. 2023.
- LEITÃO, C.; BRELAZ, I; *Práticas emergentes em psicologia: uma experiência de intervenção com slackline e tecido circense*. In: Processos psicossociais na Amazônia: reflexões sobre raça, etnia, saúde mental e educação, Marcelo Calegare e Renan Albuquerque - organizadores, Alexa Cultural: São Paulo, 2018. (175-192).
- MEIRELES, L.; CARVALHO, T. *O abuso sexual infanto-juvenil em interface com as redes de enfrentamento: uma revisão sistemática*. Revista Campo do Saber, v. 4. n. 4, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/62380>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

- MIRANDA, A. *Educação sexual e formação de professores/as: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020*. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2021. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/215023>>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- MORAES, S.; et al. *Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: uma Revisão Sistemática. Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência*. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-965669>>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- NUNES, C.; SILVA, E. *A Educação Sexual da Criança: polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- OLIVEIRA, A. J. de .; SILVA, C. G. da .; FERRO, L. R. M. .; REZENDE , M. M. . *Child sexual abuse and consequences in adult life: a systematic review*. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 11, p. e93391110484, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.10484. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10484>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- SANTIAGO, A. *Espacialização da criminalidade: um estudo sobre a relação entre densidade demográfica e violência em Manaus, AM*. 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5520>>. Acesso em: 27 jan. de 2023.
- SOARES, Z; MONTEIRO, S. *Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios*. Educ. Rev., Curitiba, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan. 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602019000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- SOMA, S; WILLIAMS, L. *Avaliação de livros infantis brasileiros sobre prevenção de abuso sexual baseada em critérios da literatura*. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 1201-1212, set. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 fev. 2023.
- VITIELLO, N. *A Educação Sexual Necessária. Revista Brasileira De Sexualidade Humana*. 1995. Disponível em: <https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/793>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- WEEKS, J. *O corpo e a sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- WEREBE, M. J. G. *Sexualidade, política e educação*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. de T. *Sexualidade e educação: revisão sistemática da Literatura Científica Nacional*. Travessias, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16602>. Acesso em: 6 fev. 2023.